



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**ROBERTO SCHULZ**

**(depoimento)**

**2002**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-13

**Entrevistado:** Roberto Schulz

**Nascimento:** 03/06/1948

**Local da entrevista:** Clube de Regatas Guaíba (Porto Alegre/RS)

**Entrevistadores:** Luanda dos Santos Dutra e Leila Carneiro Mattos

**Data da entrevista:** 22/11/2002

**Transcrição:** Luanda dos Santos Dutra

**Conferência Fidelidade:** Johanna Coelho von Mühlen

**Copidesque:** Silvana Vilodre Goellner

**Pesquisa:** Johanna Coelho von Mühlen

**Fitas:** (02 fitas) 05/01-A, 05/01-B, 05/02-A e 05/02-B

**Total de gravação:** 110 minutos

**Páginas Digitadas:** 34

**Catalogação:** Vera Maria Sperangio Rangel

**Número de registro:** 01083/2005/01

**Número de registro da fita:** 01083/2005/01 a e b

**Observações:**

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

SCHULZ, Roberto. *Roberto Schulz (depoimento, 2002)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2005.

## **Sumário**

Atividade profissional; primeiro contato com o esporte; organização e estrutura do remo no final dos anos 60; competições neste período; formação profissional do educador físico para o remo; popularidade do remo; Federação Gaúcha de Remo; construção do Estádio Náutico e da raia no bairro Navegantes; motivos da decadência do esporte; atuação feminina em regatas; atletas femininas e apoio da Federação Gaúcha de Remo; remo feminino no Rio Grande do Sul e remo mundial; Federação de basquete e atletas mirins; estrutura e preceitos de clubes de remo; racismo no esporte e cultura do desporto no Brasil.

Porto Alegre, dia 22 de novembro de 2002. Entrevista com Roberto Schulz, a cargo das entrevistadoras Leila Matos e Luanda dos Santos Dutra para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

L.D. - Professor, se o senhor puder dizer para a gente seu nome completo, idade e sua profissão?

R.S. - Meu nome é Roberto Schulz, tenho 54 anos, sou professor de Educação Física.

L.D. - E o senhor exerce outro tipo de atividade?

R.S. – Sim, atualmente tenho... Sou empresário, tenho uma empresa que presta serviços para remo, tanto na parte de fabricação, conserto, venda de equipamentos e também assessoria de treinamento e orientação de remo.

L.D. - E o Senhor trabalha só aqui no GPA<sup>1</sup>?

R.S. - É, atualmente estou prestando serviços aqui no GPA como treinador e como gerente da garagem de remo. Todos cuidados com usos dos barcos, dos remos, aquisição de equipamentos manutenção, reforma, tudo isto daí, estou gerenciando.

L.D. - E como foi esta entrada do senhor no esporte, no remo. Como é que foi o primeiro contato?

R.S. - Bom, o primeiro contato foi pela família, meu pai e meus tios eram remadores e tal. E desde pequeno eu nasci dentro deste ambiente. Nasci em 48, no caso, meu pai<sup>2</sup> estava no auge da carreira dele, então, aí eu fui crescendo com isto dentro da família, até chegar numa idade de 15 para 16 anos, aí eu mesmo comecei a praticar.

---

<sup>1</sup> Club de Regatas Guaíba-Porto Alegre - Em 28 de novembro de 1936, o Club de Regatas Porto Alegre (antigo Ruder-Club Porto Alegre) fundiu-se com o Club de Regatas Guahyba (antigo Ruder-Verein Germania), resultando o Club de Regatas Guaíba-Porto Alegre, o GPA. Manteve-se como data de fundação a do Ruder-Club Porto Alegre (21 de novembro de 1888) razão pela qual o GPA é considerado o clube de remo mais antigo do Brasil.

L.D. - E praticou como lazer primeiramente ou já direto competindo?

R.S. - No início só caráter, assim, bem recreativo, para conhecer mesmo o esporte. Comecei a treinar mesmo para competir com 17 anos. E aí, eu iniciei minha carreira de remador amador, sempre de caráter bem amador. Aí competi durante o quê? Uns dez, doze anos e sempre assim mesclando: prática de remador e misto de treinador e instrutor. Neste meio tempo fiz Educação Física. Me formei em 70, aí durante o curso, a carreira de atleta parou um pouquinho e fui retomar bem mais tarde e consegui ter um auge no remo em 78, 79. Aí, logo depois, já principalmente por ter ingressado na ESEF<sup>3</sup> da UFRGS<sup>4</sup> para lecionar as disciplinas de remo, praticamente encerei minha carreira de remador, que não foi muito brilhante assim, não. Sempre fiquei muito dividido entre ensinar os outros, ajudar outros e eu mesmo me treinar, então, sempre deixei a minha parte meio de lado e me dediquei mais a outros atletas.

L.D. - Nestas primeiras competições com 17 anos, tu te lembrava de alguma... Como é que era a organização, como é que era...

R.S. - Bom, o que eu me lembro era que, na época, havia uma pujança no final dos 60, onde o remo tinha... Eram muito populares as competições, eram bastante concorridas. Eu me lembro que a minha primeira prova, que foi na categoria gigs<sup>5</sup> estreante, tinha nove concorrentes, nove participantes. Isto é uma coisa hoje em dia rara de se ver: nove barcos na raia. Nos primeiros anos, muita concorrência entre todos clubes de Porto Alegre<sup>6</sup>, de lá para cá, a coisa veio gradativamente morrendo um pouquinho...

L.D. - Tu lembra de algum nome destas competições? De repente para procurar algum registro.

R.S. - Eu destacaria... Na época eram realizadas as provas de longa distância a oito, que era a travessia de Porto Alegre, e a prova de longa distância: a Troféu Sul Banco, e eu, como

---

<sup>2</sup> Heiz Emil Schulz

<sup>3</sup> Escola de Educação Física da UFRGS.

<sup>4</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>5</sup> Nome do barco utilizado pelos estreantes.

<sup>6</sup> Capital do Estado do Rio Grande do Sul

remador principiante, na época em 66, 67, eu participei destas provas. Então, um Sul Banco que nós participamos... Esta prova, para mim, foi muito marcante porque a gente era remador iniciante e fomos competir numa prova de 7.600 metros. Era a maior prova de remo do Brasil na época. Então aquela foi a primeira prova que me marcou bastante.

L.D. - Que ano?

R.S. – 67, eu acho.

L.D. - 67?

R.S. - É, faz bastante tempo e... Nós como um clube na época... O GPA era um clube, assim, a terceira força do Estado. Competia com o Grêmio Náutico União<sup>7</sup>, Almirante Barroso<sup>8</sup>, mas a gente participava... Era um prazer muito grande, a gente participava junto, e a nossa façanha foi ter tirado, naquela prova onde teve dez barcos participando, o terceiro lugar. Então para nós, aquilo teve sabor de vitória. E, depois, o que eu destacaria são os campeonatos gaúchos que são... Cada campeonato gaúcho marca muito. E depois eu também tive a satisfação de participar de dois campeonatos brasileiros. Mas aí, já mais em fim de carreira. E em 76 no Rio de Janeiro. E em 78 em São Paulo<sup>9</sup>. No Rio de Janeiro<sup>10</sup> na Lagoa Rodrigo de Freitas e em São Paulo na Raia Olímpica da USP<sup>11</sup>.

L.D. - Estas questões de competições, os atletas iam por conta própria? Ou o clube dava algum tipo de...

R.S. - Bom, eu peguei um período onde todo esporte brasileiro recebia auxílio do Governo Federal, então os campeonatos brasileiros de remo, principalmente estes dois que eu fui, eles eram todos... Toda parte de viagem, alimentação durante a viagem, hospedagem lá no campeonato e o transporte lá no local da prova, tudo era por conta da Confederação

---

<sup>7</sup> Grêmio Náutico União - Originário do Ruder-Verein Freundschaft (Sociedade de Regatas Amizade) fundado em 1906. Em 29 de abril de 1917 passa a se chamar Grêmio Náutico União.

<sup>8</sup> Clube de Regatas Almirante Barroso. Fundado em 26 de fevereiro de 1905 a partir de uma dissidência de associados do Ruder-Club Germania que foi fundado em 29 de outubro de 1892.

<sup>9</sup> Capital do Estado de São Paulo

<sup>10</sup> Capital do Estado do Rio de Janeiro

<sup>11</sup> Universidade de São Paulo.

Brasileira de Remo, que recebia verbas do Governo Federal. Então, a concorrência era muito grande, todos os estados se faziam presentes... De prova de oito que eu competi... [ruído de avião] Para tu teres uma idéia, a prova de oito que nós competimos pelo Rio Grande do Sul tinha dez estados concorrendo, dez. Como a raia comportava só seis, na final tínhamos eliminatórias, repescagem, e todos estes dez Estados, todos desde lá do Norte e Nordeste, do Sudeste e Sul aqui, todos foram para São Paulo pagos por verba federal. Isto hoje em dia nem pensar. Não tem mais dinheiro para realização de campeonatos. Então, isto foi uma das causas também, que muitos clubes começaram a enfraquecer porque é... Pelo menos uma vez por ano, os atletas do clube tinham chance de viajar às custas da Federação ou da Confederação Brasileira, para este campeonato anual que era o Brasileiro. Isto hoje em dia não tem mais. Hoje em dia os campeonatos recebem um outro nome, são chamados de Troféu Brasil: Troféu Brasil de Remo Sênior, Troféu Brasil de Remo Feminino, etc. E não é mais por conta da Confederação, é por clube. E o clube tem que arcar com todas as despesas. Então só os clubes que são ricos ou clubes que tem patrocínio, enfim, ou às vezes os próprios pais dos atletas bancam essa participação. Na época em que eu remei, e isto é importante dizer, o Campeonato Brasileiro era por seleção estadual, não era interclubes. Cada Estado organizava a sua delegação. Então é uma coisa muito bacana por que, às vezes, a equipe era mista, tinha remadores dentro do mesmo barco de vários clubes. O timoneiro era de um clube, os remadores eram de dois três clubes.

L.D. - E a rivalidade como é que era?

R.S. - A rivalidade neste momento cessava, ela existia até a hora de fazer as seletivas, as eliminatórias, aí, depois que fazia as eliminatórias, a delegação estava completa, daí cessava toda esta rivalidade. Então, eu competi junto com remadores de outros clubes, vestindo a camisa do Rio Grande do Sul. Isto, se não me engano, foi realizado até 80 ou 82. Depois cessou, parou a verba federal, acabou a subvenção do Governo aos Campeonatos Brasileiros, acabou viagem de avião, hotel, tudo aquilo... E cada clube teve que se programar para ir a um campeonato, que hoje chama Troféu, que é realizado em Recife, dificilmente um clube de Porto Alegre pode ir. E quando vai, vai com um ou dois atletas só. Então, no momento que os campeonatos não foram mais por seleção estadual, caiu um pouquinho e muita gente começou a parar de remar.

L.D. - Tu chegaste a fazer parte da diretoria do GPA ou...

R.S. - Sim, eu, além de remador cheguei a ser diretor de remo, por uma ocasião cheguei a ser... Ocupava uma vice-presidência de esportes náuticos, que envolvia além do remo, outras modalidades. E por um período longo também eu atuei como remador treinador, treinador assim amador. Só agora, mais recentemente, que eu estou só na função de... Mas sempre ajudei, aqui no clube, na parte de diretoria. Na parte de remo.

L.D. - E é muito complicado?

R.S. - Não. É um trabalho... Os clubes de remo são clubes com bases familiares, não requer grande... São bem amadores. Além disto, a partir de 79, quando eu entrei para a ESEF da UFRGS, eu tive que largar um pouquinho a minha atividade de clube, aí, nunca mais peguei cargos em clubes. Isto foi no início lá. E, mesmo dentro da ESEF, optando por um regime de D.E.<sup>12</sup>, vim a assumir chefia de departamento, que me ocupava muito. Bom, aí minha carreira de remo praticamente parou.

L.D. - O que é D.E.?

R.S. - Dedicção exclusiva: quando você não pode ter outros empregos além da UFRGS. Aí eu também deixei de trabalhar em colégios. Nos colégios, eu conseguia fazer uma busca de talentos, prováveis talentos para remo. Eu trazia para o remo e fazia toda a iniciação deles. Tanto no Colégio Estadual Marechal Rondon em Canoas<sup>13</sup>, como o Pastor Dohms<sup>14</sup>, o Colégio Aplicação<sup>15</sup>. De todos estes colégios, eu posso dizer que alguns alunos eu encaminhei e chegaram a ser até campeões brasileiros, por que eu era professor deles na escola, e aqueles alunos que eu via que tinham talento, que traziam algumas condições básicas para ser um bom remador, eu procurava encaminhá-los. E eu tive a sorte de encaminhar de todos os colégios que eu trabalhei... E chegaram a ser campeões estaduais, alguns até brasileiros.

---

<sup>12</sup> Dedicção Exclusiva

<sup>13</sup> Cidade da região metropolitana de Porto Alegre

<sup>14</sup> Hoje denominado Centro de Ensino Médio Pastor Dohms.

<sup>15</sup> Colégio de Aplicação - Escola de Ensino Fundamental e Médio integrada à UFRGS.

L.D. - E esta questão do dirigente, do professor ir para a escola buscar talentos, que nem tu diz, acontecia antes também? Sei lá em 60?

R.S. - Sim, muito mais do que hoje em dia. Muito mais, por que assim... O professor de Educação Física, principalmente aquele que era oriundo da UFRGS, ele tinha a disciplina de remo. Então mesmo que ele fosse um professor que não era do remo, mas ele teve aulas de remo, ele sabia o que era o esporte de remo, que ele tinha conhecido na Universidade. Então, um dos melhores remadores que o Rio Grande do Sul teve nos últimos anos, foi enviado, foi orientado para ir fazer remo no União pelo seu professor de Educação Física. Porque ele tinha feito remo na UFRGS e viu: O tipo de atleta que este menino é, e as condições que ele tem, eu tenho que mandar este menino para o remo, que é lá que este menino vai se dar bem. Então, o professor de Educação Física era o encaminhador dos talentos. Hoje em dia, isto parou um pouco. Por que o caráter da Educação Física atual já não é mais tanto esportivo. Morreu bastante esta questão do esporte de performance, então, raramente o professor de Educação Física manda um menino para fazer esporte: atletismo, remo, ele vê o aluno e não vê o potencial do aluno, porque ele não está procurando isto. Então, hoje em dia, os remadores são muito mais atraídos pelo “marketing”, pela propaganda, por alguma coisa que passa na mídia. E professor de Educação Física não... Primeiro que ele não sabe, ele não conhece, ele não consegue, hoje em dia, detectar um talento, ele não sabe. Eu vejo assim: o atual professor de Educação Física, o que está saindo agora das faculdades, ele não sabe diferenciar muito bem o potencial, se aquele aluno é para atletismo, para remo, para vôlei ou para basquete. Porque ele não tem mais esta vivência, ele não vivencia mais estes esportes. Estes esportes são dados assim meio... Alguns nem são mais ministrados. Tem escolas de Educação Física que não tem mais atletismo, não tem mais remo, não tem mais nada. E aí, o professor que não conhece, ele nem sabe que tem aquela modalidade. Mas não quero me desviar demais do foco nosso. Então, naquela época, não só eu, mas todos os professores de Educação Física que eram do remo, que fizeram remo, não só daqui de Porto Alegre, mas de todos outros estados, eles eram os grandes encaminhadores de atletas.

L.D. - O clube incentivava isso de alguma forma? Já que tu és professor de Educação Física e trabalha para o GPA, então tu ficarias com o encargo de procurar estes talentos?

R.S. - Sim. O incentivo até certo ponto é dado, mas sempre dependeu muito da iniciativa do professor. O professor é que era o interessado, levava as primeiras vezes os alunos, trazia eles, até muitas vezes no seu próprio carro. Levava, insistia... Hoje em dia, eu não sei como é que é, mas é bem mais difícil. Tem clubes grandes aí que fazem propaganda no rádio, no jornal: Venham fazer tal esporte. Não é mais pelo, pela...

L.D. - O próprio remo se promovia por si só como atividade. Por isso que não precisava de muito incentivo.

R.S. - O remo era um esporte muito conhecido, então era bem mais fácil de conseguir adeptos. E havia uma consciência nos clubes que... Até dizia assim: cada remador tem que trazer pelo menos um. Então isto ia se multiplicando. Olha, tem que trazer. Hoje em dia, tem remadores que tem filhos e não colocam os filhos no remo. Que não gostam, se decepcionaram. Foram usados de certa forma e tal, eles não criaram aquela afeição, então eles... Os filhos muitas vezes nem vão fazer aquele esporte que os pais fizeram, vão fazer uma outra coisa. Eu estou chateado com o remo, não, o meu filho não vai fazer remo. Então aquela coisa de pai para filho, foi se perdendo, foi se perdendo bastante... Nós estamos bem na rotas dos... [ruído de avião]

L.D. - Tu chegastes a dirigir a Federação Gaúcha?

R.S. - Sim, foi isso uma... Dentro da... Eu posso dizer, que eu atuei em várias frentes dentro do remo. Eu cheguei a ser uma coisa que eu jamais esperava no início, lá quando eu comecei a remar: que eu ia chegar a ser presidente da Federação do Rio Grande do Sul. E ali, a gente também pode ver a grande dificuldade que é, hoje em dia, tu administrar uma Federação, administrar um esporte ou administrar um clube, sem recursos. Então, praticamente, tu só vais programando competições, vai tentando incentivar o esporte para não deixar ele morrer. Porque, promoção mesmo, está cada dia mais difícil. Algumas modalidades que nem são tão conceituadas, que nem tem tanto status como o remo, conseguem muito mais recursos e tal porque conseguiram chegar a ter acesso aos bingos. E a Federação de Remo, por exemplo, ela por ser uma Federação muito antiga e sempre trabalhou muito no... Amadoristicamente, ela tem uma certa dificuldade em conseguir estas verbas. Por que ela... Há uma exigência tão grande de... Uma burocracia muito grande para

tu conseguires te habilitar num bingo. Tu tens que ter sede, tens que ter certidões de todos órgãos municipais, estaduais, federais e tudo, então cada administração que tenta começar mexer com isto daí esbarra, sempre está faltando uma coisa. Várias vezes já foi tentado conseguir verbas de bingo.

L.D. - Então a Federação Gaúcha de Remo era mais forte antes e a participação era muito ativa, ou ficava mais a cargo dos clubes? Ela tinha um peso muito grande por ser da organização... Como incentivo?

R.S. - Sim, ela tinha mais poder porque ela tinha a tarefa de organizar anualmente a seleção gaúcha. E só isto daí dava um poder muito grande. Até de buscar recursos. Hoje em dia, como ela não participa mais, quem participa são os clubes, então os clubes têm que buscar os seus recursos. E a Federação fica só como um órgão burocrático: fichar atletas, conferir, organizar... Antes não, ela ia uma vez por ano... Ia então, uma delegação, uma comissão no governo do Estado: Nós vamos ter o campeonato brasileiro de remo lá em São Paulo, precisamos tanto. Ai o governo do Estado: “Vamos ver quanto é que o Estado poderá dar para vocês”. Então o Estado dava uma verba: “Oh, o Estado está lhe passando tantos mil reais aqui para vocês organizarem a seleção gaúcha para o brasileiro”. Hoje em dia não tem mais isso, hoje em dia a Federação vive das mensalidades dos clubes. E das inscrições de... Das multas, etc, deste dinheiro mais burocrático. É claro que teria como buscar patrocínios, mas isso aí, é uma coisa que está mais a cargo de quem faz remo. Quem está na ponta, quem faz remo é o clube, e não a Federação.

L.D. - Antes era a Federação e depois...

R.S. - Antes a Federação corria um pouco na frente, eu tenho um entendimento assim: Quem faz o esporte é o clube, quem administra é a Federação. A Federação está ali para organizar os clubes, filiar os atletas, realizar os campeonatos, arbitrar... Arbitragem é a principal função de uma Federação. Se não tivesse a Federação como é que iam ser feitas as competições? Baseado em que? Então a Confederação Brasileira e as Federações Estaduais estão muito mais ai para função administrativa. Inclusive pela lei do esporte elas

são... Nós temos as entidades de práticas e as entidades administrativas do esporte, que é o COB<sup>16</sup>, que são as Confederações Brasileiras.

[FINAL DA FITA 13/01-A]

R.S. - Então há uma grande confusão, e as pessoas não entendem isso: que a Federação ela deve incentivar, ela deve administrar, mas ela nunca pode assumir a ponta. Quem tem que fazer a modalidade crescer é quem está lá, quem está trabalhando lá, é o clube. Em algumas Federações eles inverteram isso, entendeu? A Federação faz tudo, ela...

L.D. - O mesmo papel dos clubes?

R.S. - Não, os clubes ficam numa boa, porque a Federação faz tudo, a Federação consegue as verbas, a Federação consegue tudo. E, em última análise, os clubes ficam só esperando a Confederação conseguir tudo e, no remo, a Federação não tem esta força, e ela acaba sendo taxada de... Ela é culpada pela situação que o remo está, e não é. Os culpados são os clubes. Uma Federação não pode entrar no GPA e dizer: “Façam mais remo, façam mais atletas”. Não tem como, ela tem que ficar esperando que os clubes façam e os clubes que são as entidades de prática é que não estão conseguindo. Então, tem Federação nanica aqui no Estado que tem dois clubes que tem verbas fantásticas. E tem o que? Dez, doze atletas filiados? Tem dois clubes no Estado. Esgrima, por exemplo, é uma Federaçõzinha pequeninha, tem verbas de bingo, tem tudo, tem dinheiro sobrando, e tem dois clubes: União e SOGIPA<sup>17</sup>. Não tem outros clubes. O remo tem outros clubes, o remo tem um pouquinho mais de clube, tem meia dúzia de clubes. E ai que está a dificuldade. Nós teríamos que ter mais pontas de prática, clubes. Os clubes do interior, a tendência é fechar: Cachoeira, Pelotas... Rio Grande já fechou... Por quê? Porque os clubes são enfraquecidos, são pobres... Então, este é o grande problema hoje em dia: a luta que os clubes têm para manter uma equipezinha. Porque sai caro, ainda mais esporte de remo, que é um dos esportes mais caros que tem. O equipamento é muito caro.

---

<sup>16</sup> Comitê Olímpico Brasileiro.

<sup>17</sup> Fundada em 1867 como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica). A partir de 1942 passa a chamar-se Sociedade Ginástica Porto Alegre.

L.D. - E da organização de campeonatos, os atletas chegaram a participar? Tu competiste como atleta? Tu ajudaste a organizar de alguma forma esses campeonatos? Ou ficava que nem tu disseste, a cargo da federação gaúcha e dos clubes e tu ias somente para competição?

R.S. - É, ficava a cargo do clube contratar os treinadores e tudo. E todo trabalho anual era feito dentro do clube, só no momento que fazia a seleção gaúcha, entravam os recursos da Federação, aí vinha reforço de alimentação e os clubes podiam economizar um pouquinho. Porque, no momento que a seleção era formada, toda despesa passava a ocorrer por conta da Federação. E isso a gente não tem mais, o clube tem que arcar com tudo: tem que comprar o barco, tem que pagar o treinador, tem que fazer tudo. Acho que aí reside essa decadência do remo. Não fossem dois, três clubes bem pelo Brasil, o remo não existiria mais. Porque é muito caro. Para ti te deslocar daqui de Porto Alegre para o Rio de Janeiro para participar de uma eliminatória, de uma seletiva para uma seleção brasileira, é uma fortuna. Tu tens que levar equipamento e exigem ainda... Não tem equipamento para empréstimo, cada clube tem que levar o seu equipamento. Então, só mudando isso daí que a coisa vai adiante.

L.D. - Quantos anos tu tens dentro do GPA?

R.S. - Eu estreei em 65, então de lá para cá eu estou sempre ligado aqui. Teve uns períodos que eu tive um pouco fora, mas eu de 65 para cá estou ligado aqui. Então, eu acompanhei bastante a evolução deste Parque Náutico<sup>18</sup>, acompanhei a construção dos clubes, a transferência da raia para cá, a construção do estádio de remo, tudo isso daí eu participei.

L.D. - E como é que tu vês tudo isso daí?

R.S. - Olha, eu vi como uma... Foi uma grande... Teve ali umas duas décadas meio perdidas, porque tu podes ver: se hoje em dia é uma dificuldade de chegar neste local aqui, naquela época era muito mais difícil e, no final dos anos 60, quando os clubes, de repente, perderam a água da frente das suas sedes... Os clubes eram todos na Rua Voluntários da Pátria, com a construção do cais novo, apenas dois clubes foram para a Ilha do Pavão, que

foi o União e o Almirante Barroso. Os demais todos ficaram, de repente, sem frente para o Guaíba e aí, por uma colaboração de órgãos públicos do Estado e da Prefeitura, foram construídos barracos na antiga grota das grutas, mais ou menos onde hoje é a Estação Rodoviária. E ali, durante umas duas ou três temporadas, os clubes Tamandaré<sup>19</sup>, GPA, Duque de Caxias<sup>20</sup>, Vasco da Gama<sup>21</sup>, transferiram os seus barcos para a beira do rio, numa doca que tinha ali. E para poder ter acesso ao Guaíba... Então, a sede social permanecia na Voluntários da Pátria, só que os barcos foram levados para estes galpões que foram feitos ali em condições precaríssimas. Neste período, teve clubes que quase morreram. Tamandaré, que é um clube vizinho aqui, que praticamente morreu, Vasco da Gama que decaiu bastante, o GPA ainda conseguiu sobreviver um pouco.

L.D. - Os atletas vendo esta mudança de local... Tu como atleta, como tu sentiste essa mudança?

R.S. - Não, eu não cheguei a sentir, porque foi a geração anterior a minha que sofreu isso na carne. A minha geração já começou aqui no Parque Náutico.

L.D. - Tu lembra como era difícil chegar aqui?

R.S. - Era difícil, era difícil... Não tinha ônibus, o acesso era meio precário. Acesso de carro era difícil, não tinha rua direito para cá, não tinha nada aqui. Tudo só aterro, areia... Depois com o tempo foi melhorando, hoje em dia isso aqui é um... Hoje em dia, sim, hoje nós temos condições ideais: pode chegar de carro, de bicicleta, de moto e chega na hora do treino e, está ali o barco pronto para ser usado, não se perde mais tempo, mas tu tens que ter a condução. Se tu dependes de ônibus, já fica complicado. E todos os clubes hoje em dia... Os clubes que tiveram uma vantagem em ter ido para a Ilha do Pavão, na época, que foi o Barroso e o União, hoje em dia eles... O Barroso nem está mais na Ilha, já venderam a sede lá e está aqui, é nosso vizinho aqui no Parque Náutico. E o União permanece na Ilha, mas está com muita dificuldade, eles tem que ter um sistema de barcas que pega lá no

---

<sup>18</sup> Parque Náutico Alberto Bins.

<sup>19</sup> Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré, fundado em 18 de janeiro de 1903.

<sup>20</sup> Grêmio de Regatas Duque de Caxias. Denominação conferida em 24 de fevereiro de 1942 ao Clube Italiano Canottieri Ducca degli Abruzzi, fundado em 09 de fevereiro de 1908.

<sup>21</sup> Clube de Regatas Vasco da Gama, fundado em 28 de janeiro de 1917.

portão central... E, se tu precisas, aqui no Parque Náutico, de duas horas para treinar, lá tu precisas de quatro horas, porque tu dependes de uma hora de barca, que a barca não... Ela vai de meia em meia hora, então é um problema sério. Aqui, se o aluno tem uma prova na faculdade, ou ele pode regular, bom eu faço meu treino até dez e meia, porque onze e meia eu tenho uma prova no campus na PUC<sup>22</sup> e, dá tempo para ele tomar um banho e ir numa boa. Quem está na Ilha lá, já sabe que se for treinar de manhã, a manhã toda está morta, não pode botar aula no meio, nem antes, nem depois. Então, esta é a vantagem: aqui os atletas podem chegar de carro de manhã cedo, treinar, tomar o seu café, pegar o seu carro e ir para o serviço ou para a faculdade. Então é... Esse distanciamento que o remo sempre foi obrigado a ter dos centros, é que matou... O crescimento das cidades foi levando os clubes de remo sempre mais para longe. Bem no início, lá em 1888, quando foi fundado aqui o GPA, a sede dele era na Rua da Praia<sup>23</sup>, por ali. Não tinha cais. Aquilo tudo era rio. Aí, depois da construção do primeiro cais, eles foram levados um pouquinho mais para longe. Daí a ampliação do cais, ai eles foram mandados para longe, para fora da cidade, que era a Voluntários da Pátria, considerado interior: “Vamos mandar eles para o interior”. Tinham clubes aqui perto da Igreja Navegantes, isso era longe do centro. Imagina, vamos mandar eles para longe. Aí, eles foram todos... Eles se colocaram na Avenida Voluntários da Pátria, com a frente para a calçada, com o trilho do trem e do bonde, com os fundos para o rio, coisa melhor não podia haver. Excelente. Tinha remador que descia do bonde, estava dentro do clube. Aí do clube... Os fundos do clube era o rio. Aí veio mais uma modernização. A cidade necessitou crescer, necessitava de um porto: “Vamos fazer o cais novo”. Aqui, tudo onde nos íamos, aqui era rio antigamente, o rio cresceu muito, praticamente foi cortado metade do rio. E ai, os clubes perderam... Conseguiram aqui, o Governo do Estado reservou esta área. Cada clube de Porto Alegre ganhou um terreno de 50 por 100, por isso, aquilo que tu disseste para mim, os clubes são tudo do lado, entende. Antes não, eles eram longe um do outro, não eram assim vizinhos. Ai veio o Parque Náutico. O primeiro clube que realmente investiu e veio para cá foi esse aqui. Depois o Duque de Caxias, o Vasco da Gama, o Tamandaré, mais recentemente o Barroso, quando se transferiu da Ilha para cá. O Duque de Caxias, que depois fez fusão com o Grêmio Porto-Alegrense<sup>24</sup> também, todos eles receberam um terreno aqui. Assim, por um decreto:

---

<sup>22</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

<sup>23</sup> Rua dos Andradas, localizada no Centro de Porto Alegre e popularmente conhecida como Rua da Praia.

<sup>24</sup> Dado sujeito à confirmação.

“A partir de tal dia vocês estão ganhando um terreno, vocês tem que ir para lá”. Não perguntaram antes se queria vir para cá ou não.

L.D. - Essa questão do Parque Náutico, de se juntar todos clubes de remo, foi uma boa opção? Alguma época chegou a ser movimentado isso daqui?

R.S. - Foi, foi sim.

L.D. - Cogitado atleta e gente querendo conhecer?

R.S. - Muito. Na inauguração, em 1968, veio uma verdadeira multidão para cá. O Campeonato Brasileiro de 68 foi a inauguração do Estádio de Remo do Parque Náutico... Uma *loucura*, uma loucura. Hoje em dia as competições não têm um público tão grande assim, mas são boas também. O fato de ter colocado o Parque Náutico aqui, foi uma coisa muito boa porque, eu não sei se ainda haveria clubes hoje, se não fosse essa ajuda que o Governo deu. Porque eles doaram esta área para os clubes, em troca de ter perdido o rio lá, tu entendes?

L.D. - Porque tu acabas... Tão forte, era o esporte em si? Ou tinha alguma coisa por trás assim?

R.S. - Eu diria o seguinte: toda essa questão do esporte é uma questão de momento, é uma questão até diria de modismo. Hoje em dia estão na moda outros esportes. Que são esportes, não só no Brasil, em todas partes do mundo, são os chamados esportes de natureza, os esportes radicais, os esportes que mexem mais com a pessoa. Eles dizem adrenalina e tal. Hoje em dia, o jovem que não quer saber de um esporte que tem muita regrinha. [ruído de avião] Uma exigência muito grande quanto à hora, quanto à treinamento, enfim... Então, os esportes da moda hoje em dia são esportes mais... Eu não tiro a razão dos jovens. É muito mais bacana, no verão, tu estar lá pegando onda ou fazendo *rapel*, fazendo sei lá o quê, esportes radicais, do que vir todas madrugadas, se sacrificar ali ou sair com as mãos sangrando de bolha e um treinador xingando atrás e vamos e vamos e vamos, fazendo força... Hoje em dia o jovem já não é mais atraído por isso.

L.D. - E era assim antes?

R.S. - Mais bah... Se um jovem chegava num baile, numa festa e dizia eu sou remador, é a mesma coisa que chegar hoje numa festa e dizer eu sou, vamos dizer assim: Eu sou o cara do *skate*, ou então, eu sou o melhor pára-quedista. Na época, o remo tinha status: Aquele cara é remador.

L.D. - Por que será?

R.S. - Era o esporte da moda. Hoje em dia, tu dizes que tu és remador, não tem mais aquele status. Isso não só em Porto Alegre, em todas cidades. No Rio de Janeiro, o cara que era remador estava feito: Esse cara é remador, que legal esse cara é remador. Hoje em dia, ainda tem gente que diz assim... Esses dias, eu encontrei uma pessoa na rua e comecei... O pai era grande remador, ainda vive do passado. E é até muito cantado em músicas, a música popular brasileira e mesmo cronista e tudo fala muito de remo, remo, remo, novelas de época, até da Rede Globo, gostava muito de colocar remo. Remo sempre, teve um pano de fundo assim, por que foi numa época o esporte da moda, então, o cara ser remador era o máximo.

L.D. - Tinha prestígio?

R.S. - Tinha.

L.D. - E esse prestígio estava ligado com o nome do clube?

R.S. - O nome do clube... Aquela tradição, aquela coisa... Tinham esportes que tinham status como Ginástica Olímpica, Atletismo, Remo, Natação. Os nadadores da época eram ídolos. Aquele nadador é, eram famosos. Tu vê eu tive um professor, o Jayme Werner dos Reis, o apelido dele era Peixinho, nosso professor na UFRGS, o cara famoso em Porto Alegre, um cara nadador, todo mundo conhecia. E assim tem no remo também. Hoje em dia, tu pegas o nosso melhor remador do Brasil e larga na Rua da Praia, ninguém vai reconhecer ele. Porque ele não tem status, não sai a cara dele no jornal, não sai na TV. Para, atualmente, sair o remador numa entrevista, tu tens que praticamente pagar o

repórter, se não, não sai, tu entendes? E os caras são bons, são até melhores do que eles eram antigamente, são mais atletas. E eu acho isso lamentável. Porque se perdeu totalmente. Então, grandes remadores, grandes atletas que nós temos na atualidade, os coitados vão passar daqui alguns anos e ninguém vai reconhecer eles, e ninguém mais vai saber quem eles foram, e são... Tem títulos assim: campeão Sul Americano, medalha em Pan Americano... E se largar eles na Rua da Praia, ninguém conhece eles, só se foi remador. Aquele cara é remador, se não, não. E antigamente não o cara tinha um... O remador bom, no mínimo, saía a foto dele uma vez por mês.

L.D. - Esse poderia ser um motivo das pessoas procurarem o remo?

R.S. - Mas claro, cada vez saía a foto de um barco de remo... Tênis por exemplo, todo dia não tem uma foto do Guga<sup>25</sup>, de um cara desses aí? Então por que o tênis é o esporte da moda? Está cheio de faixas: aula de tênis, aula de tênis, aula de tênis. Todo mundo quer jogar tênis, por quê? Porque nós temos um tenista bom. Antigamente, nós não tínhamos tenista bom, nós tínhamos remador bom. Então, todo mundo queria ser remador, entendes? É o momento, é o momento. Judô, por quê o judô tem esse carisma todo? Porque nós temos atletas olímpicos. O Brasil chega lá e ganha medalha de ouro em judô. No remo não consegue mais. Antigamente, conseguia, os caras chegavam lá e voltavam com medalha. Hoje em dia, o remo não traz medalha. O remo, quando chega numa final, é uma vitória. E outras modalidades não. Atletismo, hoje em dia, é muito mais fácil tu conseguires alguém para atletismo do que para remo. Porque o atletismo traz medalhas e, medalhas de ouro, de prata, aí não é qualquer coisa. Tu sabes que nós temos uns velocistas que tão sendo considerados favoritos para medalha de ouro no revezamento quatro por cem, e no mínimo uma prata eles vão trazer, e já trouxeram o bronze na última. E assim nós tivemos: Robson Caetano<sup>26</sup>, o Joaquim Cruz<sup>27</sup> e medalha de ouro numa Olimpíada, num mundial. E remo não... Então, às vezes, quando conseguimos uma medalha bonita, uma medalha de ouro, de prata num Pan Americano, que é uma baita competição, não sai nem a foto do atleta. E aí é difícil tu... Quem não está na mídia, não é lembrado.

---

<sup>25</sup> Gustavo Kuerten que com seus títulos contribuiu para a exposição do Tênis na mídia.

<sup>26</sup> Robson Caetano da Silva, Bronze Olímpico nos 200m (Seul 1988) e no 4x100m (Atletas 1996).

<sup>27</sup> Joaquim Cruz foi o primeiro atleta brasileiro e único até hoje a ganhar medalha de ouro olímpica em prova de pista. (Los Angeles 1984 - campeão dos 800m).

L.D. - Roberto, eu queria ver se tu lembrava de alguma atleta feminina na época que tu remavas?

R.S. - O remo feminino é a modalidade que está explodindo no mundo. Tem países, que o remo masculino está estagnado e o feminino está crescendo, porque é um dos melhores esportes para mulher. Ele é bem mais inofensivo que a natação, que o atletismo, que o vôlei, que o basquete. É um dos esportes mais femininos que eu conheço. Isso não é dito por mim. Até vendo as atletas em ação... Então, o remo brasileiro feminino começou já desde o início, desde os primórdios, lá sempre teve mulheres que remavam. Mas ele não era regulamentado, não havia competição e, infelizmente, é a competição que faz com que a coisa desenvolva. Então, as primeiras competições oficiais de remo, Campeonato Brasileiro mesmo, começaram no final dos anos 70, quando houve... O remo... Desmembrou-se da antiga CBD, que era Confederação Brasileira de Desportos, que abrangia até o futebol. Então, tudo estava dentro da CBD, tinha os esportes, tinham os seus departamentos. Quando a Confederação Brasileira de Remo, a CBR, foi fundada e começou a ter organização própria, aí começaram os campeonatos femininos e logo o Rio Grande do Sul se destacou. Nossas remadoras já começaram a se destacar, ganharam Campeonatos Brasileiros, etc.

L.D. - Tu lembrava o nome de alguma atleta?

R.S. - Lembro, lembro sim, teve a... Aqui no GPA, a primeira que se destacou foi a Marisa Lisboa<sup>28</sup>, que se a gente for procurar nos anais e em no arquivo até de Zero Hora<sup>29</sup>, do Correio do Povo<sup>30</sup> e tal, a gente vai encontrar bastante material dela. Junto com ela tinha uma... Até a Marisa depois se formou, ela é médica. E, na mesma época, tinha a Dulce Bandeira<sup>31</sup> que se formou na ESEF da UFRGS, que é professora de Educação Física. Então, estas duas grandes campeãs que nós tivemos aqui e elas rivalizavam, os títulos estaduais eram sempre disputados entre elas. E elas, ao nível de Brasil, também ganhavam das paulistas, cariocas e tal.

---

<sup>28</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>29</sup> Jornal Zero Hora.

<sup>30</sup> Jornal Correio do Povo.

<sup>31</sup> Nome sujeito à confirmação.

L.D. - Quando tu remavas pelo GPA, lá nos teus 18, sei lá, 24 anos tinha as mulheres?

R.S. - Não.

L.D. - Não tinha iniciativa?

R.S. - Não, não tinha não, não havia remo feminino naquela época.

L.D. - Mesmo se ela quisesse a prática?

R.S. - Ela podia vir remar, remava e tudo mais, não era organizado, não tinha competição. Competição começou, como eu te falei, em 79, 80. E aí, continuou até hoje. O Rio Grande do Sul teve o auge do remo feminino, ora o Guaíba Porto Alegre, aqui o GPA, ora o Grêmio Náutico União. Atualmente o Grêmio Náutico União domina no Estado, praticamente só eles que tem uma equipe boa, o GPA tem uma equipezinha iniciante, talvez tenha futuro.

[FINAL DA FITA 13/01-B]

R.S. - Mulheres remando... O vestiário era só masculino, aí teve que fazer uma adaptação. Então, o vestiário feminino é feito extra. Hoje em dia, não. Em outros lugares, quando você vai construir uma garagem náutica, já se prevê que vai ter remo feminino.

L.D. - Essa questão era preconceito da sociedade? Assim: o remo não é uma atividade para as mulheres fazerem?

R.S. - É porque havia o conceito errôneo que qualificava o remo. Eu me lembro, que nos programas de regatas tinha um remador estilizado na capa, super reforçado, super musculoso e dizia assim: *Remo esporte dos fortes!* Mas não é, não é só isto, não basta só ser forte. Então, quando tu vias um guri muito alto, muito forte, muito musculoso: “Vai fazer remo!” Daí as mulheres disseram: “O remo não é para mulher”. Mas não, remo é técnica, é resistência, não é força. A força é um dos componentes. O remo feminino se caracteriza pela técnica, pela beleza do movimento. Até bem pouco tempo atrás, na

Europa, tinha as competições de remo feminino que não para ver quem era o barco mais veloz era por... As remadoras desfilavam na frente de uma comissão que dava notas assim, como um nado sincronizado, semelhante à ginástica rítmica. As equipes desfilavam várias vezes, na frente de uma comissão e cada um dava a sua nota: sete, sete e meio, oito, nove, dez para o estilo, a beleza, o conjunto da equipe, entende? Então, não era a mais forte, a mais veloz, era chamado o remo de estilo. Estilo Ruder.

L.D. - Onde e quando isso?

R.S. - Na Europa toda! Na Alemanha, na Itália, na Áustria.

L.D. - Faz pouco isso...

R.S. - Faz muitos anos, há cinquenta anos atrás. Eles achavam que remo de força era para homem e o de mulher era só para bonito. Hoje em dia, as mulheres remam, remam forte. Porque, é como eu te falei, ele é um misto de técnica, resistência, força também, mas não era só força.

L.D. - E os clubes achavam também que o remo feminino, de repente, era um desperdício de tempo ou de dinheiro? A Federação Gaúcha considerava o remo feminino?

R.S. - Não. A Federação Gaúcha, pelo contrário, sempre foi uma grande incentivadora do remo feminino. Os clubes é que muitas vezes não estavam equipados... Outra coisa, na América do Norte e na Europa, o remo feminino é muito forte porque tem as remadoras que depois se formam treinadoras. A família leva muito mais fácil ela. É um preconceito! Leva muito mais facilmente as meninas de dez, onze anos para clubes onde são as professoras que trabalham. Há um preconceito muito forte, muito pejorativo para cima do remo: O remo não é o ambiente para mulher. Mas não tem nada disso. Todos os clubes que investiram no feminino cresceram e os que cortaram o feminino começaram a morrer e isso todo mundo já notou. Clube no Brasil que quiser realmente crescer no remo, tem que investir no remo em todas as modalidades, para todas as faixas etárias: remo lazer, remo condicionamento, remo masculino, remo feminino porque, na Olimpíada, conta igual a medalha olímpica feminina e masculina. Tem países que são fortíssimos no feminino e no

masculino eles nem figuram, mas tem uma tradição fantástica no feminino. No Canadá, por exemplo, nos últimos anos, as personalidades esportivas mais famosas de todo o país, e aí englobando fórmula 1, tênis, tudo, eram as remadoras; porque elas conseguiam. O Canadá, era um país riquíssimo, mas eles chegavam nos jogos Olímpicos e tiravam dez medalhas de ouro e os Estados Unidos tirava setenta! Rússia tirava cinqüenta, Canadá dez medalhas de ouro. Aí, tu ias ver, quatro, cinco dessas dez, eram das remadoras. Então, tu imaginas o status que elas tinham quando chegavam no aeroporto. Elas eram grandes ídolos dentro do país, o remo feminino o Canadá sempre se incentivou. Aí, é fácil tu entender, porque tanta guriazinha quer fazer remo lá: porque olha na televisão, está a remadora ganhando medalhas de ouro. O dia que o Brasil tiver uma menina, uma remadora, que chegar lá e as gurias vão ver: “Olha lá ela está ganhando uma medalha olímpica!” Vai ser uma loucura! Os clubes vão... Sabe, tu querer desenvolver uma coisa que ninguém conhece...Ao mesmo tempo que tu desenvolves o remo em geral, tu tens que dar atenção ao remo de competição, porque ele é o chamariz. Tem gente que diz assim: “Não, não vamos mais investir no remo de alto nível”! Aí, é a morte do esporte, porque ninguém vai fazer só para bonito. Tem aqueles que tem que ser incentivados para alta competição. Para tu vender raquete, para tu vender bolinha de tênis, tu tens que ter um Guga lá, se não, tu não vendes. Ninguém vai querer só para bater uma... Não! É assim, porque o futebol... Por que tantos guris querem jogar futebol, e tão poucas gurias querem jogar futebol? Entendeu? Porque o futebol feminino é o esporte no Brasil mais discriminado que tem! A ponto do Grêmio<sup>32</sup> e Inter<sup>33</sup> pagar tudo para o masculino. Os gurizinhos que jogavam no Grêmio e no Inter ganham tudo, eles ganham casa, comida, alojamento, nutricionista, psicólogo. Olha, eu acompanho um pouquinho, ali no Grêmio, o feminino nem fardamento para jogar as gurias não tinham. Eu tive dois alunos da ESEF, um era treinador e o outro era preparador físico do... Foram jogar um GRE-NAL, foram jogar Grêmio e Inter e eles não tinham abrigo do Grêmio para sentar no banco. Para tu ver a discriminação... Tenta fazer uma pesquisa, em cima de futebol feminino em Porto Alegre, para tu ver o que tu vai encontrar: é uma discriminação fantástica. No entanto, são um potencial fantástico, essas meninas. Claro que eu não gosto muito do futebol feminino, eu acho que o futebol não é muito feminino, ele tem um lado muito agressivo, mas ele bem orientado, é bonito. E, no entanto, há uma discriminação.

---

<sup>32</sup> Grêmio Foot-ball Porto-Alegrense, fundado em 15 de setembro de 1903.

<sup>33</sup> Sport Club Internacional, fundado em 4 de abril de 1909.

Olha, se tu dizer: “eu sou treinador de futebol feminino”, já te olham meio atravessado, dizendo: “aí tem coisa, sabe”! Tem um preconceito muito grande, e, às vezes, também tinha esse preconceito para com o remo feminino, as gurias eram mal vistas. Hoje em dia não, nós já temos outra mentalidade. Já existe uma seleção permanente de remo feminino, já tem umas meninas que tem uma perspectiva de futuro. Elas tem quatorze, quinze, dezesseis anos, já estão viajando, já tem um treinador só para o feminino. Quem sabe, quem sabe... Porque o Brasil é um país riquíssimo em biotipo, nós temos aqui, biotipo para todas as modalidades, nós podemos ser campeões de qualquer esporte. Qualquer esporte que o brasileiro se meter vai ser campeão. É só ir buscar e dar oportunidade as pessoas.

L.D. - Falta incentivo?

R.S. - Falta dar oportunidade. O atletismo está mostrando isso. São meninos, às vezes, pobres, não tem o que comer, aí eles são descobertos! Aquele lá é um campeão nato! E assim tem... Quantos jogadores de futebol são descobertos anualmente no Brasil, porque o futebol masculino é uma loucura, todo mundo quer fazer, futebol feminino ninguém quer fazer. Mas, o Brasil podia ser campeão mundial feminino. Ganha mundial e tamanha ia ser a quantidade de meninas boas que iam ser descobertas. E aí, o vôlei: nós somos campeões mundiais porque há um trabalho, então, o vôlei está feito. O vôlei nunca mais morre no país. Porque nós fomos campeões olímpicos e mundial. O remo ainda está buscando isso, nós temos que criar uma geração de ouro, nós temos que esquecer os atuais. Tudo bem, não vamos matar eles, mas vamos fazer um trabalho. Dizem que o brasileiro não tem estatura para remo. Então tá! Brasileiro para remo não dá, é muito fraco, é muito baixo, mentira! A seleção brasileira de vôlei em 1992, que foi a geração de ouro, eles tinham uma estatura mais elevada do que dos remadores que foram naquela olimpíada. Então porque que o vôlei consegue os grandes, os atletas altos e pesados? Por que o remo não consegue? Porque o remo não está indo buscar, nós estamos perdendo esses atletas grandes para o basquete, para o atletismo, para o vôlei, para natação, para o tênis. Então, o remo fica com a sobra. Se o remo fizesse um trabalho de buscar, principalmente nas classes mais pobres, que não tem tanto acesso... Vamos lá buscar, vamos ensinar remo para uma grande quantidade de crianças e começar a garimpar, daqui a pouquinho surge o talento natural. E eu digo, o Brasil podia ser campeão de tudo, tudo que o brasileiro se meter ele vai ser campeão, porque aqui é uma mistura de raça. E os campeões estão todos por aí, é só ir

buscar. E o remo fica esperando. E a gente é um pouco culpado, fica aí esperando. Será que um dia vai chover na minha horta? Será que um dia vai chegar aqui uma menina que vai ser campeã de novo? Então, nós estamos ainda colhendo frutos daquela campeã de 1985, dezessete anos atrás, e como não surgiu uma outra Marisa... Não veio uma Marisa dois, então, o que nós vamos fazer? Vamos esperar que venha uma outra. Não! Tem que fazer, tem que fazer...

L.D. - Tem que procurar...

R.S. - É, tem que procurar. Outra coisa, tinha que haver uma regra: o clube que quer participar no adulto, na equipe adulta, é obrigado a participar no infantil. Clube que não botar categoria infantil está proibido de disputar adulto, para garantir a renovação. Eu tenho um exemplo do basquete, há anos atrás, introduziu o mini-basquete. Era só para criancinha de 8 a 10 anos, uma bolinha pequena uma tabelinha baixinha, aí a Federação Gaúcha de Basquete decide muito bem: União, SOGIPA, Cruzeiro<sup>34</sup>, Petrópole<sup>35</sup>, Gaúcho<sup>36</sup>, ACM<sup>37</sup> para vocês disputarem o adulto tem que botar inscrever um timizinho de mini. Se não, não vamos deixar disputar o adulto. Aí, os caras saíam a cata, às vezes, pegavam os netos dos jogadores: vamos fazer um time, os guris não precisam nem saber jogar mas nós temos que inscrever um mini. E isso fez com que os clubes se mexessem nessa área, porque não adianta! Hoje em dia, está assim: o clube contrata doze jogadores bons de vôlei. É um clube virtual, às vezes, nem local ele não tem. Aí, só usam aquele nome de faixada, meu time é o “Atlântica Boa Vista Bradesco”. Não tem clube, não tem sede, não tem nada. Só tem dinheiro e o nome. Aí, tinham que dizer: “não, olha aqui, quer disputar a Superliga”? Então, tu vais fundar um clube, tu vaiS manter uma escolinha funcionando, tu vaiS inscrever... Eu quero ver vocês trabalharem lá embaixo. E, isso, é o grande problema, tem clube de remo, por exemplo, não que investe nas escolinhas, não precisa de escolinha. As escolinhas são particulares. Lá no Rio agora, tem um monte de escolinha de remo particular. O cara compra uns barquinhos, faz uma escolinha e o treinador do grande clube, lá do Flamengo, do Vasco, fica só de olho na escolinha

---

<sup>34</sup> Esporte Clube Cruzeiro, fundado em 1913.

<sup>35</sup> Petrópole Tênis Clube, fundado em 07 de setembro de 1941.

<sup>36</sup> Grêmio Náutico Gaúcho, fundado em 1928.

<sup>37</sup> Associação Cristã de Moços, fundada em Porto Alegre, no dia 26 de novembro de 1901.

particular! Surgiu um gurizinho bom, surgiu uma menininha boa, daí eu vou lá e pego ela para mim. Entendeu, eu não preciso fabricar.

L.D. - Não precisa mais...

R.S. - Esse é o grande dodói, nós não estamos formando. A gente não forma, a gente fica esperando. Esse é o grande problema.

L.D. - Bom, Roberto eu queria agradecer a entrevista e...

R.S. - Está bom.

L.D. - O que a gente vai fazer agora é transcrever ela, não se tu vais querer dar uma olhada.

R.S. - Ah! Eu gostaria.

L.D. - E com a transcrição, a gente vai estudar e daí vai... Se tu tiveres nova disponibilidade, fazer uma nova entrevista contigo. Pegar alguns pontos de repente mais...

R.S. - Eu até tenho interesse e até já manifestei com um colega meu lá, o Betão<sup>38</sup>. Tenho um grande interesse de fazer um trabalho, de escrever um pouquinho, essa parte de história, por exemplo... Porque até eu... Não sei se tu podes ver na ESEF, tem lá na biblioteca dois livros que são conhecidíssimos que são: “O remo através dos tempos”, do Dr. Henrique Licht<sup>39</sup> e o outro “A pequena história do remo gaúcho”, do Carlos Hoffmaister Filho<sup>40</sup>.

L.D. - Carlos...

---

<sup>38</sup> Alberto Reinaldo Reppold Filho, professor da ESEF/UFRGS.

<sup>39</sup> Henrique Felipe Bonnet Licht. O livro referido tem como título O remo através dos tempos. Porto Alegre: CORAG, 1986.

<sup>40</sup> Carlos B. Hofmeister. O título correto do livro citado é Pequena história do remo gaúcho. Porto Alegre: Clube de Regatas Guaíba, 1978.

R.S. - Carlos Hoffmaister Filho. Tem na biblioteca da Escola. Muitas coisas do que eu falei aqui, datas e tudo está ali. Quando é que os clubes vieram para o Parque Náutico. Quando é que foi iniciado o cais, o que era “SOPAM<sup>41</sup>”, o que era a travessia, o que era isso, o que era aquilo, os campeões todos. Mas isso, eu considero assim uma cronologia, não é uma história. Para você escrever uma história de um esporte tu tens que ter um caráter mais acadêmico. Tem a escola alemã, por exemplo, de Pesquisa Histórica, ela estuda a história sócio-cultural. Então, não quer saber como era o nome do cara que competiu contra o Heinz Schultz, que era o meu pai, quem é que ganhou do Heinz Schultz em 1952, isso não interessa para ele. Eles queriam saber a que classe social os remadores pertenciam, como é que era a situação política da época, de onde vinham as verbas, quem é que mandava nos clubes, quem freqüentava os clubes. Então, é uma história... Porto Alegre, por exemplo, poderia ser feito um estudo de como a cidade, com o seu crescimento, influenciou nesses clubes esportivos, nos clubes de remo, por exemplo, isso é um estudo muito bacana de ser feito. A que classe pertencia os remadores, porque que o remo era tão forte em uma determinada época, porque que o remo foi tão famoso no início do século, por quê? Porque eram as famílias mais ricas de Porto Alegre, os meninos dessas famílias tiveram a oportunidade de estudos na Europa, estudar na Alemanha, e lá eles viram o esporte do remo.

L.D. - E trouxeram para cá.

R.S. - E trouxeram para cá. Então, no início, foi de uma elite. O pessoal era burguesia, tinha dinheiro para comprar os barcos, tinha dinheiro para comprar um terreno na beira do rio, construir uma sede. Hoje em dia, eu diria assim: O remo é classe... Minha nossa! A nossa gurizada é tudo muito pobre. Às vezes até a gente tem tentar conseguir um vale transporte para ele vir treinar. Então, essa história que eu gostaria de escrever. E toda uma questão também, dos períodos políticos que o Brasil viveu.

L.D. - Pode ser.

R.S. - Num determinado momento político, era muito importante você manter aquela aparência e dizer: Faz um campeonato brasileiro lá em Manaus, que eu pago tudo!

---

<sup>41</sup> Sigla sujeita à confirmação,

Recursos meus, do meu clube, eu já mais poderia ter ido para o Rio de Janeiro passar uma semana lá, num hotel de quatro estrelas, com tudo pago, viagem de avião. Às vezes, porque era interessante para o governo da época manter todo esse faz de conta.

L.D. - Tu chegou a ir?

R.S. - Fui. Tu tens que ver a mordomia, tu tens que ver a mordomia...

L.D. - Quando isso?

R.S. - 1976. Era no regime militar. A gente não pode falar muito. Quer dizer, até a gente pode falar. Mas, hoje em dia, tu não arrancas mais nada do governo, vai buscar no bingo, vai buscar patrocínio. O campeonato brasileiro de futebol, hoje em dia... Os clubes estão mal das pernas por quê? Porque eles têm que pagar passagem de avião e o hotel. Naquela época todo campeonato brasileiro de futebol - os clubes não gastavam um tostão - tudo era pago pela Confederação que ganhava o dinheiro da loteria esportiva, que ganhava dinheiro... E aí, vocês imaginam o que havia de falcatruas. O presidente que mandava na Confederação Brasileira, que até presidente da FIFA<sup>42</sup> foi, o João Havelange<sup>43</sup>. Ele se locupletava dessa situação porque ele tinha empresas na área do transporte e na área da hotelaria. Então, o campeonato brasileiro sustentava uma baita de uma máfia, de uma rede hoteleira, de uma empresa de turismo e de aviação. Imagina, o Inter ia jogar lá em Belém do Pará e voltar sem custo nenhum para o Inter! Eles só iam buscar a passagem no aeroporto: eles chegavam no aeroporto e a passagem já estava lá. Tudo pago pelo governo. No momento que começaram a cortar isso aí, um clube pobre que nem o GPA, não pode mais viajar.

L.D. - Quando tu praticavas remo, tu achas que ainda era um esporte de elite?

R.S. - Não, elite foi nos anos 30, anos 40, depois da Segunda Guerra Mundial. Daí virou a escolha, quem praticava remo era operário, bancário.

---

<sup>42</sup> Federação Internacional de Futebol

<sup>43</sup> Jean Marie Faustin Godefroid Havelange, brasileiro que presidiu a FIFA.

L.D. - E essa classe que recebia prestígio de que tu... Se ganhasse um campeonato...

R.S. - Claro. Eu não tinha status para ser sócio do União, por exemplo, da SOGIPA. Daí eu dizia: Vou buscar meu status através do esporte. Então, vou entrar no atletismo da SOGIPA, vou ser campeão e vou ter o status. Então, nessa época, depois da Guerra, os atletas eram oriundos da classe mais pobre. Era comerciário, bancário. E sabe que horas eles treinavam? De madrugada.

L.D. - Chegou a treinar de madrugada?

R.S. - Eu treinei só de madrugada, eu levantava às 4:30 da manhã. Outros dormiam nos clubes. Todos os clubes tinham dormitórios. A gente estudava de noite e vinha dormir no clube. De manhã era acordado para treinar. Aí, tomava o café e saía na corrida: um ia para seu comércio, outro ia para banco, entende? Então, era uma classe que dominava no remo. Isso, hoje em dia, quem predomina são os estudantes, são os universitários. É o cara que é universitário e que tem um tempo livre para treinar. Na época que eu comecei a remar, os universitários era minoria. A maioria era como eu falei, eram essas profissões aí, que eram gente realmente pobre, e, muitos deles, vocês não vão acreditar, mas muitos deles iam para um clube de remo para ter onde dormir e comer. O clube não pagava, clube nenhum dava dinheiro, mas dava uma boa janta, e um bom café da manhã e dava a cama. E isso era tudo, não precisava dar dinheiro. O cara tinha que isso aí estava feito. Hoje em dia não. Hoje em dia, além de dar tudo isso aí, tu tens ainda que dar dinheiro, senão, o cara não treina. Virou profissional.

L.D. - Não tem o amador. Daí...

R.S. - Tem o amador, mas tu não sabes se amanhã ele vai vir: Fulano amanhã tem treino! Tu não sabes se ele vem. O profissional diz assim: Se tu não vens, eu vou cortar teu salário.

L.D. - Essa história do amadorismo com a questão profissional...

R.S. - Quando, nos últimos tempos, pararam as verbas públicas no esporte amador, tipo amador [trecho inaudível]. Aí entrou o profissionalismo, clubes grandes começaram a pagar. Os melhores atletas... Ninguém queria remar no clube pequeno, que não tinha grana, todo mundo só queria remar no Flamengo<sup>44</sup>, no Vasco<sup>45</sup>, no União, entendeu? Aí o guri começava no clube pequeno e já estava só de olho no grande. Porque o clube ia poder dar dinheiro para ele, já não estava mais interessado só na casa e na comida. O União cresceu oferecendo alojamento e alimentação... Hoje em dia, fecharam o alojamento, ninguém mais dorme na lá ilha, só em casos extremos. Mas eu tive colegas na minha época, e principalmente que vieram do interior para tentar a vida em Porto Alegre, que acabavam conseguindo entrar num clube esportivo, seja na SOGIPA, seja no União, seja no Grêmio, no esporte amador, e lá eles moravam.

[FINAL DA FITA 13/02-A]

R.S. - Eu e o Toni<sup>46</sup> remamos durante o curso dele. Ele remou e morou no União. Imagina, hoje em dia, não tem isso! O cara vem do interior, tem que alugar o apartamento, tem que pagar. Então, o remo passou a ser praticado por estudantes, geralmente pobres. Dificilmente é gente de muitas posses que vem para o remo. Os caras que têm dinheiro, hoje em dia, não vão para o remo! Eles vão para o hipismo, vão para o tênis.

L.D. - Tem essa questão de não estar na mídia, não é?

R.S. - Vão para o *surf*... Claro! Vou me matar lá para o remo e não vou aparecer? Meu pai só vai me patrocinar um esporte onde eu apareço. Então, olha, é essa história que eu gostaria de escrever, entendeu? E aí, é um *problema* isso!

L.D. - Como é que tu vê...

R.S. - Porque aí tu vai entrar direto em choque contra os clubes.

---

<sup>44</sup> Clube de Regatas Flamengo, fundado em 1895 no Estado do Rio de Janeiro.

<sup>45</sup> Club de Regatas Vasco da Gama, fundado em 1898 no Estado do Rio de Janeiro.

<sup>46</sup> Nome sujeito à confirmação.

L.D. - É, tu vais ter que...

R.S. - E os clubes, hoje em dia, eles são verdadeiras máfias! Entendeu? Eles são... Eles não querem, de jeito nenhum, morrer. Então, eles se cercam de um monte de coisas. Os clubes, os grandes clubes, hoje, são... Tu não chegas neles! *E não deixam* que clubes pequenos cresçam. Não interessa para eles, entendeu? E os clubes são... Um colega meu, o Cássio<sup>47</sup>, não sei se tu já ouviste falar, ele foi diretor quando eu fui vice-diretor, o Zoocastro<sup>48</sup>. O Zoocastro foi um grande treinador de atletismo e sempre foi atleta da SOGIPA, ele comprou uma briga na SOGIPA. Eu considero ele um cara muito corajoso! Porque todos os anos tinha o baile dos atletas da SOGIPA. E entrou uma diretoria muito racista que não deixou os atletas, os morenos, os negros entrar no baile, e o Cássio, ele era atleta, da SOGIPA, ele defendeu a turma. E foi na antiga sede da SOGIPA, que era lá na Alberto Bins<sup>49</sup>, hoje nem existe mais, era ali perto da Rodoviária, ele foi na portaria lá e disse: “*Eles vão entrar sim!*”, e chamou os caras e mandou “*Que história é essa: para ganhar o campeonato gaúcho de atletismo eles servem.*”. Tinha a época, que até eu fui também do atletismo da SOGIPA, ela era bem pretinha a época. Mas eram, sabe, *eram atletas, eram pessoas*, não deixavam entrar no baile, *imagina?* Não tinha essas leis que tem hoje! Não tinha ainda lei. Então, o Cássio foi um cara muito corajoso! “*Vão entrar sim! Vão entrar sim!*”.

L.D. - Qual é o nome dela todo? Eva...

R.S. - Agora para eu dizer...

L.D. - Não queriam, de repente, se prestar.

R.S. - Eu tive várias colegas negras... Até hoje a equipe da SOGIPA. E isso abriu, hoje em dia não tem *mais isso!* Os maiores membros da SOGIPA são negros. Mas na época, nos anos setenta, nos anos ali, sessenta, era um preconceito... *Barbaridade!* Preconceito

---

<sup>47</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>48</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>49</sup> Avenida Alberto Bins, localizada no centro da cidade de Porto Alegre.

*violentíssimo*, no esporte. O União então nem pensar! União teve alguns remadores negros, mas, na hora das festas, assim: Não, não, não...

L.D. - E essas questões...

R.S. – Tanto é, olha só a maldade que fazem: o maior remador do União, que era *bem preto*, na ânsia de querer *passar* essa coisa, ele casou com uma *loira*. Na época, sessenta anos atrás, isso não existia: um cara *bem* preto casou com uma loira! E os filhos saíram *quase* pretos. Deu zebra! Os dois filhos, e foram jogar no time de *basquete* do União! Tu vê, que troco que ele deu. O Douglas<sup>50</sup> e o outro lá. Uns morenões, grandões. Mas ele casou com uma loira, tu vê, porque ele *sentiu* o preconceito: “Vou *mostrar* para esses caras!”. Casou com uma loira rica, teve os filhos. Então, para você ver: *essa* história tem que ser escrita e ninguém tem coragem de escrever isso aí.

L.D. - Qual é o nome dele, desse atleta do União?

R.S. - É o João Barata. E o apelido dele era Barata! João Batista da Silva Filho. Eu não vou dizer que ele era discriminado, mas ele era um negro. Na hora do bem bom lá, sempre tinha aqueles caras: “Olha, esse não...”

L.D. - Não abriam exceção.

R.S. – Em todos os esportes: futebol... No Inter e no Grêmio era proibido negro. Tesourinha<sup>51</sup>, foi o primeiro que deixaram jogar e olhe lá! Coisa de louco. No Rio de Janeiro não. No Rio de Janeiro logo os remadores negros foram aceitos e são grandes ídolos da época. Meu pai se defrontava com Agenor Correa, que era um remador, um negrão alto, *preto* assim, *bem preto* e era *excelente* remador. Então, no Rio de Janeiro, nunca teve esse preconceito. Aqui, por incrível que pareça, o GPA, um clube de alemão, foi fundado por alemães, *sempre* nós tivemos remadores de cor. *Nunca* teve preconceito. Mas, a SOGIPA, *era* bem preconceituosa! Os atletas do atletismo não podiam entrar no

---

<sup>50</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>51</sup> Apelido de Osmar Fortes Barcellos Nascimento, jogador de futebol, nasceu no Rio Grande do Sul em 1921. Adquiriu notoriedade nos anos 30 e 40.

baile. Imagina, para ganhar o campeonato, para isso aí servia! Para ir no baile não podia entrar! Isso dava uma revolta!

L.D. - Para ganhar podia para ir no baile não.

R.S. - E, hoje em dia não. Hoje em dia, não tem mais nada disso. E, graças a Deus assim... Nos Estados Unidos, o negro não podia nadar nem remar! Aí, eles inventaram aquela história que o negro não dava para a natação. *Que* não dava para a natação, o negro. A raça, dá para tudo que é esporte! Para vocês verem uma coisa: chegou uma revista de remo americana lá na ESEF e eles estavam dando incentivo aos clubes de remo que aceitassem os meninos e meninas da comunidade negra, para alemã. Que o remo era um esporte só para branco. Interessante isso. Então, isso dá para escrever numa história. Dá para escrever numa história. Claro que não vou dizer que teve preconceito contra negro, mas o negro não se sentia bem indo num clube de remo.

L.D. - Não ia ser aceito.

R.S. - “Lá no clube eu não vou ser aceito”. Hoje em dia, isso está vencido. E nós temos grandes atletas que são negros, são da Seleção Brasileira e tudo, e eu acho isso muito bacana. Eu digo assim: se a parte de remo feminina fosse bastante incentivada, nós iríamos ter campeãs mundiais. Porque tem talento, tem potencial, elas são melhores ginastas ali no União.

L.D. - A Daiane<sup>52</sup>?

R.S. - A Daiane e aí? Mas lá no União, se aqueles fundadores sonham com isso aí, que o maior ídolo do União ia ser uma negrinha, eles iriam se revirar dentro do túmulo.

L.D. - Mas nunca!

R.S. - É verdade, é verdade isso! Infelizmente é assim. Então a história que eu gostaria de escrever não é a história cronológica. Saber quantos títulos cada clube ganhou, não. É

saber como é que... O meu pai que me conta que havia um preconceito, o único preconceito que ele se lembra, que tinha aqui no GPA que quando entrava uma proposta de sócio, não podia ser motorista de táxi. [risos]

L.D. - Por que, não pode?

R.S. – *Não sei porquê!* Se o cara dissesse na profissão, motorista de táxi, não serve. Porque deve ter entrado uma vez um taxista, e o taxista, *bem* antigamente tinha uma fama. O motorista de táxi não tinha uma fama muito boa. Não sei porquê. Aí, não podia ser motorista de táxi. Tu vêes que absurdo! Se os caras diziam: “esse não!”.

L.D. - Bom. Na verdade...

R.S. - Então é isso! A história que eu gostaria de escrever é essa. E não a história puramente cronológica. Porque a cronológica é assim: se o cara é colorado, ele vai dizer que o colorado é melhor. Se o cara é gremista vai dizer que o Grêmio é melhor. Sempre é assim! E se o cara vir a fazer uma pesquisa realmente acadêmica, científica, ele vai para esse lado, vai realmente... Quais foram as motivações, porque, e sempre me fazem a pergunta: por que? Todo mundo me pergunta: por que o remo decaiu, por que o remo isso, por que o remo não aquilo. É por isso! É porque tem um cunho muito forte sócio-cultural. O do remo... Uma pessoa de fora do país, aqui, altas autoridades de remo, que ficam dias aqui no Brasil e visitam os grandes centros, eles logo saem daqui dizendo: Falta cultura esportiva de remo para vocês, vocês ainda não conseguiram a *cultura* de remo de vocês. Nós queremos fazer remo copiando modelos, ora eles copiam modelo alemão, ora eles copiam modelo italiano, entendeu? Aí, tu viajas até Buenos Aires, na Argentina, tu vais encontrar uma *cultura* de remo porteña. Eles tem *cultura* de remo. Porque que o remo argentino tem mais destaque? Porque a Argentina tem campeões mundiais e olímpicos. Na História, não digo recente, mas em... Tu chegas na Europa, na Seleção Argentina de remo tu és respeitado. Se tu chega na Seleção Brasileira, de remo: esses os caras são ruins. Mas se chega a Seleção Argentina: vamos tomar cuidado que esses caras são bons. Porque eles têm *cultura*, cultura de remo. E, todo país, que tem a sua cultura, ele consegue sair do chão. Nós temos cultura de vôlei, por exemplo. Vôlei agora acabou, nós vamos ser

---

<sup>52</sup> Daiane dos Santos.

favoritos sempre. Porque nós ganhamos a Olimpíada, nós já ganhamos tudo que existe! Olha o nosso basquete feminino, também já foi mundial, já foi tudo. Foi lá, dentro de Cuba, e deu um pau nas cubanas! Fidel Castro<sup>53</sup> foi dar a mão para as gurias, que ele nunca fez isso! Para Hortência<sup>54</sup>, Paula<sup>55</sup>.

L.D. - É mesmo.

R.S. - Então, nós temos *cultura*. Se tu falas em basquete feminino: o Brasil é bom! Todo mundo respeita. Fala em futebol... O futebol todo mundo tem medo do Brasil. E tem esporte que não. Nós não temos cultura, falta para nós. Nós estamos conquistando para uns aí. No atletismo nós já passamos a ser respeitados, no judô. O remo é um dos últimos que vai chegar, é difícil! Mas um dia vão chegar lá! Nós temos uma cultura na vela, mas é uma coisa artificial. A vela é uma elite que pratica e os caras que se destacam são uns caras muito ricos, com muito dinheiro, que não precisam trabalhar e o papai sustenta daqui, dali. Fica o ano todo só andando de barquinho, não precisa trabalhar! Ainda não popularizou! Tem um projeto de vela aqui, no Gasômetro<sup>56</sup>, que é a Marina Pública, está começando a ensinar vela para os guris, crianças carentes. É a primeira tentativa, mas se tu vais ver os caras que ganharam as medalhas olímpicas em vela no Brasil, tu fazes uma pesquisa, é gente oriunda da classe rica. E, às vezes, até são suecos, alemães, ingleses que moram aqui no Brasil, são riquíssimos. O hipismo, por exemplo, o Brasil *jamaiz* vai ser uma potência do hipismo. Mas tem gente que ganha, milionários que conseguem sustentar o cavaleiro. Então, o cara lá, o Rodrigo Pessoa, o cavalo dele custa um milhão de dólares. Então, aí tudo bem, deixou de ser brasileiro aquilo ali, não é mais brasileiro, aquilo ali é um capital, é um dinheiro, é o Jorge Gerdau<sup>57</sup> aqui.

L.D. - Isso.

---

<sup>53</sup> Fidel Alejandro Castro Ruz, primeiro ministro de Cuba na época que o time brasileiro de basquete feminino derrotou o time de Cuba, no pan-americano realizado no mesmo país em Havana, 1991.

<sup>54</sup> Hortência de Fátima Marcari, ala da Seleção Brasileira.

<sup>55</sup> Maria Paula Gonçalves da Silva, armadora da Seleção Brasileira.

<sup>56</sup> Usina do Gasômetro. Espaço cultural administrado pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre cuja localização pé na beira do Guaíba.

<sup>57</sup> Jorge Gerdau Johannpeter, presidente do grupo Gerdau, que apoia projetos esportivos.

R.S. - Os filhos dele estudaram no Aplicação e são cavaleiros. Gerdau, o Beto<sup>58</sup>?

L.D. - É.

R.S.- Eles são cavaleiros. O André<sup>59</sup>... São excelentes! Excelentes pessoas! Mas eles têm tutu, tem dinheiro, aqui: “Pai, para eu ganhar eu preciso daquele cavalo lá”. Ele vai lá na Alemanha e manda vir o cavalo. Então, já não é mais o cara, é o cavalo. É um super cavalo! O dia que o cavalo não está afim o cara não ganha! Então o Brasil não tem cultura de hipismo como tem a Inglaterra e Alemanha. Mas o Brasil tem cultura de futebol, começa a ter de outras... E o remo, nós não temos cultura, não adianta. Nós somos copistas!

L.D. - Aí, fica difícil.

R.S. - Fica difícil. Embora o potencial esteja aí. Temos um potencial fantástico! Potencial existe. E outra coisa: o esporte de remo é um esporte muito caro. Então, quando o Brasil está em crise econômica, o primeiro esporte que sofre é o remo. Porque o material bom é tudo importado.

L.D. - É tem isso aí também!

R.S. - Então, quando há uma crise econômica, e o pessoal não tem emprego, as famílias não tem recurso, o remo morre junto, morre junto. A Argentina, está numa crise lá. A Argentina está pior que nós, então o remo está sofrendo, o remo deles está...

L.D. - Sim, além de ser um esporte caro.

R.S. - Está em baixo. Então, é um reflexo do...

L.M. - Econômica, também entra essa questão econômica...

---

<sup>58</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>59</sup> Nome sujeito à confirmação.

R.S. - Econômica. Então, se tu queres escrever uma história esportiva tu tens que dar um enfoque sócio-político-econômico.

L.D. - É.

R.S. - O cara que quiser escreve uma tese só na parte de resultados, isso não tem valor acadêmico nenhum, não deveria nem ser aceito. Porque ele simplesmente vê as datas dos clubes, nos jornais, na Federação e vai fazer uma lista: ano tal, campeão tal. E vai fazendo uma estatística, isso não tem valor histórico nenhum. História é outra coisa! História é o que nós estamos conversando aqui.

L.D. - É, eu acho que isso é um dos objetivos do projeto.

R.S. - Aspectos. Aspectos.

L.M. - O social, política e o econômico. Que abrange...

R.S. - É.

L.D. - É isso que o Garimpendo Memórias está buscando. Não é uma reconstituição dos... Não é saber os resultados das provas que foram realizadas. E sim, saber o contexto e o que o atleta competindo naquela situação, participando da situação, viu e sentiu: Foi difícil para mim, não foi difícil. Ah, eu me lembro de ter sido fácil.

R.S. - Claro, claro. Eu acho assim: o atleta que faz o esporte, independente de onde vem os recursos, sempre é bom, ele sempre sai ganhando! Eu fui beneficiado numa época que tinha dinheiro do governo federal, eu viajei muito às custas do dinheiro público. Hoje em dia não tem mais, se eu quiser viajar, eu tenho que tirar dinheiro do meu bolso. Então para mim foi bom! Bom, eu não tinha recurso, então eu fui nas costas de uma instituição. Mas era assim! Não era... Todas as modalidades eram assim! Era o momento. Eu não culpo, eu acho até que foi válido o que eles fizeram. Porque eles ajudaram muita gente! Pior teria sido eles: Vamos cortar tudo! Daí sim, aí teria sido triste. Eles ajudaram o esporte.

L.D. - Obrigada pela entrevista, Roberto, voltaremos, na segunda, espero eu, na terceira, quarta...

R.S. - É, eu acho que...

L.D. - Estaremos à tua disposição.

R.S. - Eu deveria frequentar mais a Escola, depois que eu me aposentei, eu abandonei um pouquinho a Escola, mas...

L.D. - Se tu quiseres ir lá no CEME<sup>60</sup>, conhecer mais o projeto...

R.S. - Sim!

L.D. - Eu acho que pelo que tu nos falaste, tu gostaria... Até teria o perfil para participar desse projeto. De repente, conversando com a Silvana<sup>61</sup>, tu podes dividir...

R.S. - É, eu gostaria de contribuir com alguma coisa.

L.D. - Se tu tens essa vontade de fazer...

R.S. - É. Mas eu sempre fui muito dividido entre... Eu ataco várias áreas. Então, eu não sou só um. Eu não poderia ir só pelo lado histórico. Quando eu vejo, eu sou muito mais treinador do que o nosso técnico. Mas eu acho que eu vou ter o que contribuir.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

---

<sup>60</sup> Centro de Memória do Esporte.

<sup>61</sup> Silvana Vilodre Goellner, coordenadora deste projeto.